



MARANATHÁ

data 31, 12, 86

cod. SID 00157

## INTRODUÇÃO

O Conselho Indigenista Missionário, C.I.M.I., nasceu para capacitar os missionários à própria missão, mas logo voltou-se para o Índio, colocando-o ao centro de sua atividade e preocupação.

Em 1977 tornou-se organismo anexo à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, C.N.B.B., a serviço das populações indígenas e dos missionários católicos.

O C.I.M.I. é expressão do anseio da Igreja Missionária comprometida com os povos indígenas do Brasil.

O presente trabalho quer apresentar a beleza e o desafio desta missão e os princípios que a norteiam. Queira Deus que se torne instrumento de novas vocações missionárias e meio para ganhar amigos engajados na sensibilização de nossa sociedade quanto aos direitos e à riqueza cultural dos povos indígenas.

## HISTÓRIA E ATUALIDADE DOS POVOS INDÍGENAS

A Pastoral é resposta da Igreja ao projeto de salvação de Deus, partindo das situações históricas. Olhando para a história, “a Igreja missionária, reconhecendo e deplorando séculos de conivência com o projeto colonizador ou de omissão na defesa dos povos indígenas, está tomando consciência de que a sua fidelidade ao Evangelho exige uma opção radical e um compromisso sem ambigüidades por estes povos, que são os mais indefesos e explorados” (Encontro Panamazônico 1980).

Esta atitude é um dos sinais de esperança de nossa Igreja, porque expressa uma serena capacidade de olhar para o passado e assumir o presente, colocando-se não só a favor mas com os povos indígenas. Puebla também começa seu documento numa atitude de penitência, isto é, de conversão e purificação.

Os povos indígenas no Brasil foram exterminados fisicamente e enquanto povos. Ainda hoje são simplesmente arrastados como obstáculo para o progresso. (Panamazônico, 1980). Atualmente, constituem um pequeno grupo, cerca de 230.000 pessoas.

O primeiro passo para proclamar a ressurreição é co-participar a morte dos índios.

No Brasil de grandes projetos econômicos, em que se visa “um sistema de vida e trabalho que enriquece uns poucos a custa da pobreza ou da miséria da maioria” (Igreja e Problemas da Terra. CNBB 80), os povos índios, pelas terras que ocupam, pelo desafio de serem diferentes, tornam-se um quisto, um estorvo a ser eliminado o mais rápido possível.

Os meios mais usados hoje chamam-se: EMANCIPAÇÃO, PROJETOS ECONÔMICOS, CRITÉRIOS DE INDIANIDADE; todos eles visam a extinção dos índios enquanto povos.



É negado ao índio o direito de ser índio.

Com o projeto de lei da **Emancipação**, o índio, ou mesmo uma nação indígena, de acordo com alguns requisitos facilmente cumpridos, são declarados prontos para entrar na sociedade nacional, sem mais direitos às poucas leis que lhes garantem a sobrevivência.

Este projeto foi apresentado em 1.978 pelo então ministro do Interior, Rangel Reis, mas encontrou forte resistência por parte dos próprios índios, de antropólogos, entidades de apoio à causa indígena e opinião pública.

Em consequência destes protestos o Projeto não foi decretado porém não foi esquecido. Hoje procura-se aplicá-lo disfarçadamente através dos Critérios de Indianidade, e dos “Projetos Econômicos”.

Uma forma clara da tentativa de “Emancipação de fato das populações indígenas”, os “**Crêterios de Indianidade**” que d o   Funai o direito de definir quem    ndio e quem não  .

Não adianta o  ndio **SER** e se identificar como  ndio.

Ele se torna assim, do dia para a noite, posseiro em sua própria terra, sozinho em frente   cobiça e poderio da sociedade envolvente. A Funai, depois de abandonar os índios, se livra da responsabilidade de tutora..

Já os Projetos Econ micos, visam “educar” e inserir o  ndio em nosso sistema de produ o.

São milhões e milhões de cruzeiros despejados nas aldeias, visando uma rápida transforma o da sociedade tribal, enquanto que a demarca o das reservas   adiada por falta de recursos.

Declara es de fonte oficial não deixam d vidas quanto a finalidade destes empreendimentos.

Em 29.12.79, o então Ministro do Interior Rangel Reis, anunciou as metas da política indigenista:

1. Integra o rápida dos índios e conseqüente emancipa o.
2. Aboli o do ensino bilíngüe.
3. Afastamento das missões religiosas.

“... Vamos procurar cumprir as metas fixadas pelo Presidente Geisel, para que através de um trabalho concentrado de vários ministérios, daqui a 10 anos possamos reduzir para 20.000 os 220.000 índios existentes no Brasil e daqui a 30 anos, todos eles estarem devidamente integrados na sociedade nacional”. (Boletim do CIMI, ano 8, n  54).

O Brigadeiro Protásio Lopes de Oliveira declarou em 24.01.80, que como “ rg o responsável pela Segurança Nacional, temos certeza que a Amazônia s  será nossa quando ela for povoada por brasileiros convictos e não por índios que não têm nacionalidade” (Estado do Pará, 25.01.80).

Enfim, é negado ao índio o direito de ser índio, de ser dono de sua história, sendo relegado a uma “total marginalização da própria política indigenista, no seu planejamento e na sua execução” (Igreja e problemas da Terra, n.º 24 -- CNBB 80).

## RESPOSTA PASTORAL DA IGREJA

A Igreja é chamada a levar a BOA NOTÍCIA aos Povos Indígenas, em contraposição com a MÁ NOTÍCIA que sempre receberam.

A BOA NOTÍCIA é o Plano de Salvação do Pai, no seu Filho Jesus, enviado para “anunciar a boa nova aos pobres, sarar os contritos de coração, anunciar aos cativos a redenção, aos cegos e restauração da vista, pôr em liberdade os cativos...” (Lc. 4, 18-19).

Se é verdade que não existe salvação sem Jesus (At. 4, 12), é verdade também que um Jesus não comprometido com a situação real do povo índio, indiferente quando não agente da morte física e cultural do mesmo povo, um Jesus que tira das mãos do povo índio o direito a ser autor da própria história, não é o Jesus do Evangelho. O Jesus do Evangelho anuncia a vida e não a morte. Um cristianismo não libertador torna-se idolatria, porque está a serviço da opressão.

O Evangelho Libertação, que a Igreja anuncia, parte da crua realidade em que o índio se encontra, de sua vida, de sua história e dos desafios à sua própria sobrevivência.

O Evangelho vai além da cultura, terra, autodeterminação, mas passa através delas. (cfr. Subsídios para Puebla. Itaiçi, abril/78).

## TERRA

### NÓS E A TERRA DO ÍNDIO

Embebidos como somos de cultura ocidental e capitalista, consideramos a terra como bem de produção, comércio, propriedade de alguém.

Argumenta-se que as terras reservadas aos índios são extensas demais, e que em suas mãos tornam-se improdutivas e portanto deveriam ser loteadas entre índios e colonos sem terra.

Ingenuamente se pensa resolver os conflitos sociais sacrificando os povos indígenas. Admite-se implicitamente que os problemas que o povo brasileiro enfrenta têm sua origem e causa nos povos índios. Esta atitude revela total desconhecimento da história e da situação sócio-político-econômica do nosso país.

As causas dos conflitos são bem esclarecidas pelos documentos da CNBB.

#### **Uma ação pastoral não pode desconhecer:**

1. “As exigências específicas do relacionamento do índio com a terra, segundo cultura, seus usos, seus costumes e sua memória histórica”. (cfr. Igreja e problemas da Terra. CNBB/ /80).

2. “Que as terras que os índios ocupam “lhes cabem de direito, como povo” (ibidem).

3. Que “nenhuma das comunidades indígenas, em contato com a sociedade envolvente, escapou às investidas sobre sua terra” (ibidem).

Defender a diminuição ou liberação das terras índias, é

o arbítrio, a violência e condenar à morte o resto dos povos indígenas.



“Como podes comprar ou vender o céu, o calor da terra?”



## O índio e sua terra

A terra para o índio “é seu chão cultural, habitada por suas tradições, referência básica dos seus valores vitais, prenhe de seus mitos, campo de sua história” (Paulo Suess. Poratim. Ano II. nº 16).

O relacionamento índio-terra é muito parecido com o relacionamento do povo hebraico da Bíblia com sua terra, e muito diferente do nosso.

A promessa de Javé a Abrão é ligada à terra. (Ge. 12, 1-5).

O povo hebreu saiu do Egito rumo à terra prometida (Ex. 6,4).

Moisés morre olhando para a terra que Deus destinou ao seu povo. (Deut. 34, 1-5).

As festas religiosas seguem harmoniosamente o ciclo anual da terra. O ano sabático e Jubilar visam também a restituição das terras (Lev. 25). A exploração e roubo da terra do pobre é um grave pecado contra Deus (I. Reis 21). A infidelidade do povo é punida com a perda da terra pela invasão dos inimigos. (Jer. 15, 1-9).

Para o povo hebreu a Palestina não é igual às outras terras, porque é a terra da Promessa, do Templo, de Jerusalém.

Fora daquela terra, era impossível celebrar a liturgia, as festas e até mesmo cantar um dos cânticos de Sião. (2 Reis 5,17).

No exílio as harpas foram penduradas nos salgueiros de Babilônia porque era impossível “... cantar um cântico do Senhor em terra estranha.” (Sal. 136). Os hebreus na deportação, mantinham a memória histórica, reavivavam a saudade da terra e a esperança de nela voltar. (Ez. 11, 14-21). A Bíblia nasceu no cativeiro.

A terra é a Bíblia do índio porque é o chão de sua história, de sua cultura, de sua coesão, de sua sobrevivência. A terra não é propriedade particular. Não se compra, não se vende; nela se vive.

A palavra do Cacique SEATHL da tribo Duwamish (América do Norte), nos pode ajudar a compreender mais. São trechos de uma carta escrita em 1855, ao Presidente americano Franklin, depois que o governo deu a entender que pretendia comprar o território da tribo.

“Como podes vender ou comprar o céu, o calor da terra?

Tal idéia é-nos estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do resplendor da água. Como podes então comprá-las de nós?...

Toda esta terra é sagrada para meu povo.

Cada folha reluzente, todas as praias arenosas, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo.

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele, um torrão de terra é igual ao outro. Porque ele é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo aquilo quanto necessita. A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga e depois de exauri-la, ele vai embora...

Sua ganância empobrecerá a terra e vai deixar atrás de si os desertos...

De uma coisa sabemos que o homem branco talvez venha um dia descobrir: o nosso Deus é o mesmo Deus.

Julgas talvez que o podes possuir da mesma maneira como desejas possuir nossa terra. Mas não podes. Ele é Deus da humanidade inteira. E quer bem igualmente ao índio como ao branco. A terra é amada por Ele. Causar dano à terra é demonstrar desprezo pelo seu Criador...

Nós amamos a terra como um recém-nascido ama o bater do coração de sua mãe...

O nosso Deus é o mesmo Deus. Esta terra é querida por Ele.

## CULTURA

### CULTURA – CULTURAS:

Não é possível anunciar a BOA NOTÍCIA, se não a partir da maneira de vida própria do índio, ou CULTURA.

Cultura é todo o conjunto de RESPOSTAS, transmitidas de uma geração para outra, que um povo dá no relacionamento com o ambiente, com os outros semelhantes, com Deus.

Cultura envolve: religião, filosofia, sociologia, economia.

Cultura não é a chamada “Civilização” ou o “Progresso”, que se referem mais à conquista técnica, ao domínio das forças naturais.

Pode dar-se o caso de uma sociedade com uma civilização ou progresso técnico muito desenvolvidos e com uma cultura pobre em certo sentido, onde a própria civilização está em conflito com a cultura aniquilando a dignidade do homem.

E pode haver, e de fato há, um grupo humano com um progresso técnico escasso, mas com uma tremenda riqueza cultural.” (Paixão e Ressurreição do Índio – D. Samuel Ruiz (G.).

Tecnicamente os povos indígenas são primitivos, culturalmente **diferentes**. Geralmente costuma-se falar em cultura indígena, englobando povos indígenas do norte ao sul das Américas.

Na realidade não existe cultura indígena, mas CULTURAS

INDÍGENAS. Apesar de existirem características comuns ou pelo menos parecidas, entre as várias culturas indígenas; apesar dos povos indígenas sofrerem problemática semelhante quanto à sociedade envolvente; cada povo tem sua própria cultura.

A cultura atinge o âmago da pessoa e do povo.

### **Cultura e Evangelização:**

Olhando a panorâmica atual dos povos indígenas no Brasil, reparamos fatos desconcertantes — nenhum dos povos em que a Igreja desenvolveu sua ação missionária, desde a época do descobrimento até o século passado, subsiste.

Ainda hoje não existe pastoral indígena, mas sim pastoral indigenista realizada por não índios — Não temos no Brasil, depois de 500 anos de evangelização, uma Igreja indígena. A liturgia que se celebra em Roma ou Brasília é a mesma celebrada nas aldeias indígenas, prenhe de conteúdo estranho e símbolos incompreensíveis e na maioria das vezes em língua estrangeira.

“A própria apresentação da mensagem cristã implica para o índio na tremenda tragédia de ter que viver sua vida cristã realizando-se fora de seu próprio ser cultural. Para ser cristão deve deixar de ser índio, transformar-se em caboclo, viver a fé cristã em moldes caboclos”. (Paixão e Ressurreição do Índio. D. Samuel Ruiz G.).

Tudo isto nos obriga a uma séria revisão de nossa maneira de anunciar o Evangelho. A dignidade é o bem mais precioso que o homem possui. A cultura é o direito mais sagrado de um povo. Dignidade e cultura nunca podem ser aniquiladas por agentes externos, sem cometer um grande crime. Se isto é feito em nome do Evangelho, negamos aquilo que anuncia-



O índio tem cultura diferente da nossa.

mos, iniciando o princípio da destruição e aniquilamento de um povo.”

“Há uma orientação diferente na atual ação missionária: uma virada indiscutível que nos coloca numa tônica diferente.

Se existe uma só história que é a história da salvação; se não existem duas histórias – a do mundo e a da Igreja no mundo – se não há senão uma só trajetória histórica, que é a história salvífica, segue-se claramente que Deus esteve presente e atuando salvificamente no seio de cada cultura, em qualquer tempo e em qualquer época. Se Deus quis e quer eficazmente a salvação de todos os homens e se isto não é apenas uma afirmação metafórica, mas uma realidade, quer dizer que Deus não esteve ocioso, mas atuante no seio de cada cultura, em toda época e tempo”. (Paixão e Ressurreição do Índio, D. Samuel Ruiz G.).

Conseqüentemente o missionário não leva um Cristo ausente, mas vai à procura de um Cristo que chegou antes dele. Um Cristo que espalhou as “sementes de salvação”; um Cristo que caminha ao longo da história do povo; um Cristo feito irmão e não estrangeiro; um Cristo que age, não de fora, não superficialmente, mas na nascente da alma do povo índio, que é a sua cultura.

A única maneira para o missionário chegar a este Cristo é seguir o mesmo caminho d’Ele: ENCARNAR-SE.

O missionário vem de fora e traz toda uma bagagem cultural. Esta bagagem imprime a sua fé, o Evangelho que anuncia, a moral, a maneira de ver e filtrar a realidade. Sua tendência será julgar a maneira de viver do índio à luz dos seus critérios culturais e considerar vários critérios, objetivos, universais, evangélicos. Este missionário não descobrirá o Deus presente,



Deus está presente na cultura indígena.

o Cristo operante, não será capaz de olhar para a história do índio como história salvífica.

Ele deverá converter-se através do despojamento e encarnação.

Despojar-se significa relativizar a própria cultura; distinguir entre a essência da mensagem evangélica e sua vestimenta cultural.

O Evangelho tem destinação universal, mas no sentido que pode e deve ser vivenciado e expresso em harmonia com a cultura de cada povo. (Evangelii Nuntiandi n<sup>o</sup> 20).

É nesse sentido que a Igreja é CATÓLICA.

O missionário é o discípulo de Cristo presente numa determinada situação cultural, escondido nos véus sacramentais de uma cultura.

A cultura de um povo é o SACRAMENTO da presença de Deus.

A cultura é a porta que leva até à ação de Deus no meio do seu povo ao longo de sua história.

Se o missionário não mergulhar na cultura do povo, será como “cego guiando outros cegos” (Mt. 15, 14).”

“Um trabalho antropológico tem que ser a primeira ação missionária. Conhecer a fundo uma cultura para descobrir seus valores, e não por razões antropológicas, mas teológicas, porque eu tenho que saber o que Deus realizou aí.” (ibidem. D. Samuel).

Ele é o primeiro missionário.

É esclarecedora a atitude dos concidadãos de Jesus.

“De onde vem a sabedoria d’Ele? E os milagres que faz? Ele não é o filho do carpinteiro? Sua mãe não é Maria? Não é o irmão de Tiago, João, Simão e Judas? As suas irmãs não moram aqui? Onde é que Ele conseguiu tudo isso?” (Mt. 13, 54-56).



Qual a razão da recusa? Eles testemunhavam a “sabedoria” e “os milagres”; o que faltou foi a disposição em aceitar a ENCARNAÇÃO, a presença de Deus num molde que eles não esperavam e para o qual não tinham abertura.

O Evangelista continua: “Jesus não pôde fazer muitos milagres ali, porque eles não tinham fé”. (Mt. 13, 58).

Se o missionário não for entre os índios com a abertura que é dom do Espírito, ele não reconhecerá a Cristo presente na vida deles, mesmo presenciando milagres. Para descobrir o Cristo presente é preciso fé. Não é possível a encarnação sem a CONVIVÊNCIA, para ser aceito como membro da comunidade cultural”, compartilhando sua própria vida, para ser capaz assim, não só de entender quais as coisas que acontecem, quais os padrões culturais; mas descobrir as razões desse modo de



Não há encarnação sem convivência.

proceder, até chegar a uma ação global do que significa uma cultura. Só então posso, de dentro do seio daquela cultura, de minha própria experiência religiosa vivida num ser cultural diferente, entrar em diálogo iluminador para ajudar o Cristo presente aí, e fazer que surja uma Igreja encarnada numa situação cultural, com sua vestidura própria, dinamizando aquela cultura no sentido de humanização, isto é, de libertação do homem. Isto deve ser realizado dentro do próprio ser cultural.

Isto implica, também, que toda a Igreja que é essencialmente missionária, tenha que se **libertar** primeiro, a si mesma de **todo anti-testemunho**, de sua própria injustiça interna, de sua própria situação de aniquilamento, de negação da própria pessoa, purificar-se da convivência com uma sociedade injusta, para que o enviado não seja o ser excepcional aceito por si mesmo, mas como o enviado por uma comunidade, que é sinal de amor e de compromisso com Deus.

A ação missionária está, por conseguinte, não só na fronteira, mas no seio da Igreja. Ser missionária é a essência da Igreja porque é enviada ao mundo. Descubra-se, pois, que há uma dupla ação missionária:

1. A ação de uma presença testificante, que é levada em determinadas situações, onde a preparação pedagógica do Senhor, no seio de uma cultura, não chegue à etapa de que aquele grupo humano se converte à Igreja-instituição, para formar parte dela, mas viva, sinceramente, sua própria religiosidade natural, comprometido com o homem para que assim ele esteja no caminho da salvação. A ação missionária será, por isso mesmo, uma presença de testemunho, que ajude o homem a viver suas próprias convicções religiosas, com plena sinceridade, comprometido com Deus.
2. Noutras ocasiões, a ação preparatória de Deus, no seio de uma comunidade, chegará talvez ao fenômeno da conversão,

que descubra o Cristo presente na história concreta desse povo; que descubra essa presença salvífica de Deus, e, então, forme parte da Igreja instituição, convertendo-se assim, em sinal de salvação para os demais.

O resultado de tudo isto será um enriquecimento fabuloso.

A Igreja terá então, como missão, não o construir uma monocultura universal, mas realizar, de certa forma, no mundo o mistério da Trindade. Na Trindade de Pessoas, há diferença entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo e uma unidade de natureza. A ação da Igreja e sua presença no mundo, terá que ser também esta: encarnar-se em cada situação cultural, intensificando assim as diversidades das culturas, mas construindo a ponte de uma vinculação na unidade de caridade, para que haja esta intercomunicação enriquecedora de valores e vivências.

Assim a mensagem cristã terá que ser diferente, não na sua essência, mas na vestimenta, na sua aceitação, na sua descoberta e aprofundamento, em cada situação cultural.

É inédita cada experiência de encarnação da Igreja, em cada situação cultural diferente. E assim podemos imaginar que o “Evanguelion”, que significa “Boa Notícia” tem que ser boa notícia na medida em que responda às angústias e aos problemas vitais do homem, em cada situação cultural.

Tem que ser resposta às incógnitas, problemas e angústias do homem que vive nesta cultura, não na nossa. Por isso tem que ser uma mensagem diferente. Isto quer dizer que a vivência de sua própria cultura dentro de sua situação cultural, enriquecerá minhas próprias vivências.” (ibidem – D. Samuel).

### **Dinâmica da Cultura:**

A CULTURA, sendo uma resposta vivencial a problemas concretos, não é estática mas sim DINÂMICA. O conceito de

cultura estática provoca aversão à preservação da cultura indígena, considerada esta, uma tarefa utópica e impossível.

Este é o raciocínio que freqüentemente é expresso.

Uma cultura não passível de mudança, só se conserva através de um isolamento completo. Já que este tipo de isolamento é impossível, é inútil lutar para a preservação da cultura indígena.

Acontece porém que uma cultura estática, isto é, sem mudança, não existe.

As mudanças se operam seja dentro de cada cultura, seja no encontro com outras culturas e são constantes.

Uma cultura estática, imutável, só é cultura de um povo extinto e num dado momento histórico.

As mudanças e os contactos são inevitáveis, mas, para que se constituam em VALOR e não em negação de valores, é necessário que o contacto se dê de igual para igual, e com uma consciência crítica da nova situação.

O contacto de nossa sociedade com os povos indígenas, sempre se realizou na senha da superioridade e do desprezo por nossa parte, e na falta de uma consciência inadequada dos próprios valores por parte dos índios.

A relação que se estabeleceu entre a nossa sociedade e a do índio, não tem sido a do diálogo e troca, mas da violência e dominação.

Nós, portadores da cultura e poderio ocidental, sempre fomos os certos, os melhores, frente aos índios, que só tiveram como alternativa aprender a se tornar como nós.

Desta mentalidade colonialista e etnocêntrica, em pleno século XX, são ainda permeados a escola, os meios de comunicação e às vezes a catequese.

Esta mentalidade se reflete no povo simples, para o qual o índio é carregado de uma série de atribuições negativas como:

selvagem, atrasado, preguiçoso, sujo. Ser chamado de índio, ainda hoje, constitui uma ofensa.

A própria língua do índio é chamada gíria, o próprio índio é chamado caboclo, negando-se-lhe a identidade cultural.

A situação atual de parte dos povos indígenas, devido à mestiçagem, perda de língua e de parte das tradições, favorece esta mentalidade.

Custa-nos assumir a responsabilidade da situação, chegando a negar a estes povos o direito de se identificar como índios, e desconhecendo a originalidade que ainda conservam, apesar das investidas da sociedade envolvente.

O trabalho da Igreja missionária terá, portanto, duas frentes complementares: sensibilização da sociedade envolvente quanto aos direitos e valores dos povos indígenas e sensibilização da sociedade indígena a fim de despertar uma consciência crítica a respeito de sua cultura e de nossa sociedade.

## AUTODETERMINAÇÃO

A ação evangelizadora da Igreja não pode se realizar através da imposição física, moral, psicológica.

O anúncio do Evangelho deve despertar uma resposta **livre** e **consciente**, deve reconhecer os direitos dos povos indígenas de serem autores de sua própria história.

A ação do Governo, e às vezes até da própria Igreja, quando não contrária aos índios, revestiu-se de pesado paternalismo. Hoje a Igreja missionária está se orientando para uma pastoral que deixa o índio consciente e dono de suas decisões, de sua história.

Se a resposta da fé tem que ser livre e por isso consciente, por quanto dissemos anteriormente, esta consciência tem que abraçar a própria cultura.

No momento atual, os índios sofrem o impacto da sociedade envolvente que os leva a negar a própria identidade cultural. O índio é **objeto** de um processo, do qual deveria ser **agente**.

Em termos econômicos, políticos e também religiosos lhe é negado o poder, a decisão.

A pressão violenta de toda uma sociedade guiada pelo etnocentrismo, a escola, o poderio da técnica e do dinheiro, lhe tiram qualquer possibilidade de autodeterminar-se.

Como pode uma pequena comunidade determinar-se, quando do dia para noite chovem centenas de milhões de cruzeiros, em projetos já planejados fora da comunidade? (cfr. Projeto Carajá).

Até a antropologia que deveria ser um instrumento a mais nas mãos dos povos indígenas, faz do índio um OBJETO de investigação.

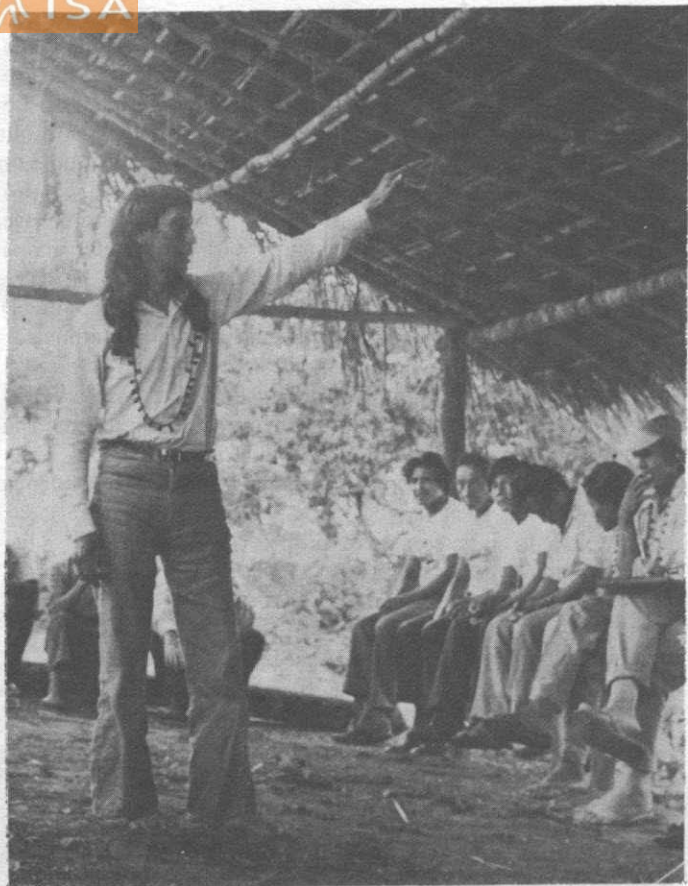
Por isso, para que a resposta de fé seja livre, temos que passar através de um processo de CONSCIENTIZAÇÃO.

Conscientização quanto à própria cultura.

Conscientização quanto à sociedade envolvente.

Conscientização que habilite, ou forneça os meios, para possuir o passado, analisar o presente e prever o futuro. Conscientização que ajude o índio a tomar conta da educação de suas crianças, do processo político, econômico, religioso em sua aldeia.

“O processo de conscientização, que nos pode preparar uma longa caminhada, é um caminho intensamente dinâmico e transformador. O índio, pelo fato de estar ouvindo que ele não tem valores, que nada vale aquilo de que ele vive, que somente nossa sociedade tem valor — na qual nos realizamos e onde há progresso e desenvolvimento — acreditou nesta tremenda mentira e menospreza a sua própria situação...



... Deixar os índios donos de sua história.

Este processo de conscientização, sendo o espelho que ajude o índio a ver seus próprios valores, sua própria dignidade, suas próprias capacidades, criará uma conscientização tão tremenda que é superior a 20.000 metralhadoras na mão do homem. É um fenômeno irresistível da sociedade. E eu penso que uma porta de saída estará em **criar mecanismos que ajudem o índio a descobrir sua própria vida, seu próprio valor, sua própria capacidade**, e tenha consciência do problema em nível nacional. Então, pela primeira vez, poderá pronunciar sua palavra, uma palavra que possa ser ouvida, que possa obrigar e ajudar nossa própria sociedade a mudar.” (ibidem. D. Samuel).

Os índios possuem riquezas culturais que nós perdemos.

O índio vive naturalmente algo de maravilhoso.

É importante que frente às solicitações externas, à violência destas solicitações, o índio se encontre **preparado para fazer uma opção consciente do que vive naturalmente**.

Assim sendo, ele se colocará como alternativa à violência interna de nossa sociedade.

A opção do índio será nossa própria libertação.



O índio possui riquezas culturais que nós perdemos.



## PASTORAL DAS MINORIAS

Frente ao desafio e seriedade da Pastoral Indigenista, nasce natural e lógica a pergunta: “Por que tanto pessoal, meios e tempo para poucos índios? “Deveras, se a Igreja fosse uma empresa, a resposta seria cortar esta atividade, porque o lucro não compensa o capital empregado, porque o resultado não compensa os investimentos.

A única resposta vem da Fé. A Igreja está presente entre os índios, porque é Igreja, porque tem Cristo como cabeça, e é movida pelo seu Espírito. (Jo. 20, 21, 22).

A Igreja recebeu de graça e dá de graça. A Igreja acredita que Deus escolheu o que nada vale, o que é desprezado, os últimos na sociedade, como ALICERCE do seu Reino. (1. Cr. 1, 25-30).

A Igreja anuncia o Evangelho da RESSURREIÇÃO e da ESPERANÇA. (At. 3, 14-15).

A Pastoral das minorias, aceita e apoiada por toda uma comunidade, é e revela a vitalidade da Igreja.

A pedagogia de Deus é a pedagogia da ovelha que falta. (Mt. 18, 12-14), a do Reino tirado dos que dele se consideram donos (Mt. 21, 43), e entregue aos publicanos e às prostitutas (Mt. 21, 31).

Não somente os índios precisam da Igreja, também a Igreja precisa dos índios, para que no respeito à identidade deles reencontre a própria identidade e o rumo de sua missão.

A Igreja aceitou este desafio e este apelo, através do Conselho Indigenista Missionário.

### O CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO

O C.I.M.I. nasceu numa época em que a Igreja no Brasil se encaminhava rumo a uma Pastoral libertadora.

Desde o começo, devido às pesadas estruturas das missões, ao peso de uma história missionária, à ligação das missões com os órgãos oficiais, o CIMI nasceu sob o signo da contradição e do sofrimento. A sua metodologia foi a reflexão, revisão e procura em conjunto entre os missionários, ganhando sempre mais consenso e sendo instrumento de novas vocações.

Numa época de repressão, quando nenhuma voz ousava levantar-se em defesa dos direitos dos povos indígenas, denunciou corajosa e profeticamente a política genocida.

Ganhou a sua paixão na perseguição e no sangue de seus mártires. Índios e missionários tombaram juntos, em defesa da terra e da vida índia. Ganhou a sua RESSURREIÇÃO, porque graças à sua ação, a Igreja conquistou credibilidade junto aos índios, antropólogos, sociedade envolvente e até órgãos do Governo. A mais bela Ressurreição se operou junto aos povos indígenas, que vêm crescer a consciência crítica e estão engatinhando para pegar nas mãos as rédeas de sua história. Cresceu



Deus escolheu o que nada vale como alicerce para seu Reino.

também a consciência missionária na Igreja, que reconheceu no CIMI a expressão de sua Pastoral Indigenista.

O avanço na Pastoral Indigenista deve-se principalmente a dois fatores:

a) A atitude de escuta da **VOZ** do índio, por parte da Igreja Missionária. Voz do índio na vida do dia a dia, em sua aldeia, voz que se levantou nas assembléias indígenas e nas assembléias do Conselho Indigenista Missionário.

b) Revisão, reflexão, planejamento da Pastoral, através da participação em cursos e assembléias, dos missionários engançados e pessoas sensibilizadas à causa indigenista.



A atividade de escuta da voz do índio parte da igreja missionária.

## O QUE O ÍNDIO TEM PARA OFERECER

Os índios com sua maneira de se relacionar com a terra, entre si e com Deus, têm uma riqueza enorme e se constituem como **ALTERNATIVA** possível e viável à nossa sociedade.

A **TERRA** considerada como mãe. A terra que coloca os seus recursos à disposição de quem precisa e não de quem a possui. A terra em que os antepassados viveram e agora repousam.

A terra, herança dos que virão depois de nós. A terra a ser amada. A terra templo e manifestação de Deus. A terra, ser vivo e não objeto do comércio.

A terra que nós poluímos e despojamos. A terra pela qual milhares de lavradores têm que lutar. A terra cercada de arame farpado. A terra, pela qual multidões morreram e foram mortas. A terra a que chamamos de pátria e cercamos de fronteiras.

A terra que Deus destinou a todos. A terra casa do homem. A terra do Reino de Deus e anúncio de “um novo céu e uma nova terra” (Apc. 21, 1).

A terra que herdamos dos índios. A terra que os índios ensinam a amar e partilhar.

**O RELACIONAMENTO SOCIAL** entre os índios é uma fonte inesgotável de revisão para nós.

Transcrevemos umas reflexões de Elizabeth Rondon, missionária entre os IRANXE.

“Parece que nesse mundo de mercado e de concorrência comercial, nesse mundo do lucro e de exploração do trabalho, existem ainda pequenos grupos, “restos” e minorias que vivem a eucaristia.

De início, a gente até estranha uma sociedade sem estruturas de compra e venda, em que a vida é simplesmente partilha: partilha das energias pessoais, partilha do trabalho, partilha dos bens de produção.

Existe uma harmonia fundamental que não é (até quando? Isso não sabemos...) dilacerada pela ânsia do ter mais.

No mundo do índio, ninguém se propõe ter mais cana que o outro, para tirar mais garapa e fazer mais melado que o vi-

zinho. Ele simplesmente pensa em cortar a cana que tem, moer, fazer garapa e melado, e depois repartir com todos aqueles que ajudaram a cortar, carregar, moer e ferver. Palavra que isso espanta a qualquer um que está acostumado a um mundo em ritmo de concorrência.

Na última carta que mandei sobre a colheita do arroz na aldeia iranxe, cometi um erro. Falei em “distribuição conforme o número de pessoas”. Me adiantei nesse julgamento.

Não é essa a mentalidade do índio, “trabalho e justiça” é mesmo para todos. “Tudo trabalhou igual, tudo ganha igual”. E a distribuição foi bem mais igualitária: 3 sacos para todas as famílias de 2 a 8 pessoas; 4 sacos para as famílias de mais de 8 pessoas. A gente pode estranhar este raciocínio... No fundo, é algo semelhante à parábola do vinhateiro.

Na vida do índio, o trabalho é livre. (E por isso a tentação das fazendas é uma ameaça tão grande a essa liberdade!)

O índio não vende a força do seu trabalho, não aluga o seu braço, não troca o seu esforço produtivo por nenhum dinheiro. São irmãos que trabalham em conjunto para melhorar a vida de todos os outros irmãos. O costume tradicional de troca está na linha da mútua colaboração e não na linha da obtenção do lucro.

O trabalho do índio é essencialmente comunitário; a derrubada, a plantação, a colheita. Em geral a caça também, pois é comum irem sondar em grupo ou 2 a 2. Se a caça é grande ou difícil, vêm chamar os outros para ajudar a capturar ou carregar. Em seguida, conforme o tamanho, ela é partilhada entre todos, ou pelo menos entre vários. Ninguém se apossa dela como um bem seu.

Como o trabalho entre eles não é servidão, o índio trabalha em clima de festa:

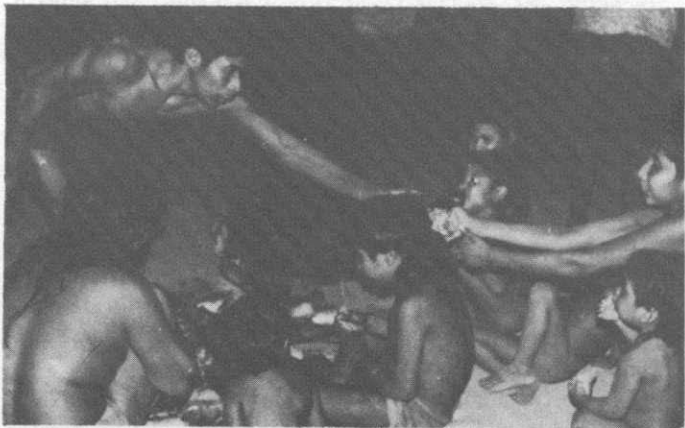
1. Nunca como escravo de um patrão, mas como dono do seu

- trabalho e criador do seu mundo;
2. Sem horário fixo e sem o constrangimento da obrigatoriedade;
  3. Em conjunto, sem que um só carregue sozinho o peso do trabalho;
  4. Sempre alegres e rindo, como se não sentissem o esforço físico, a precariedade dos instrumentos e a pouca produtividade da labuta de cada dia;
  5. Com uma esperança que só mesmo os homens livres podem ter, porque não medem o trabalho pelo resultado nem pelo lucro.

Alguém deve estar perguntando:

— Mas então essa sociedade é realmente ideal? Ninguém nunca explora ninguém? Ninguém nunca quer ter mais que o outro? Ninguém engana? Ninguém é injusto?

Claro que não é ideal.



A vida do índio é partilhar.

Tenho procurado encontrar a verdadeira resposta no estudo dos mitos além de na “contemplanção” da realidade do dia a dia. Muitos mitos falam de roubo e de mentira.

Parece ser esse o sentido de “pecado” para o iranxe: roubar, mentir, e sobretudo não partilhar.

Mesmo assim, permanece uma interrogação que merece muita pesquisa, muito estudo, muita escuta da vida:

O que nós às vezes chamamos de “roubar” – porque relacionamos em termos de sociedade privada – para eles é simplesmente “apanhar”, “ficar usando”, algo que é dele quanto do outro, porque tudo é de todos.

Mas não há dúvida, que existem fatos e desvios pessoais.

Existe o erro como para todo ser humano.

Só que são falhas pessoais e não do sistema como tal.

Isso é importante:

– Para nós, o sistema é que carrega os gérmenes da podridão, embora existam pessoas que busquem transformar essa situação pela justiça e pelo amor.

– **Para o índio, o sistema traz em si as sementes da eucaristia**, embora existam sempre pessoas que, ora e vez, quebrem essa harmonia por atos de injustiça e desamor.

– Para nós, o sistema tem que ser radicalmente mudado.

– Para eles, o sistema tem que ser cada vez mais revitalizado.

Essa é a grande diferença!”

Deveras, uma sociedade onde a lei é a partilha, onde o trabalho é em função do homem, onde a condição social não é determinada pelos bens possuídos, onde apesar dos “pecados”, é quase ausente o PECADO estrutural, esta sociedade torna-se incômoda, torna-se um perigo por causa da alternativa que apresenta. Incômoda para quem? Perigo para quem? Por que em nossa sociedade não há lugar para índio?

Respondendo a estas perguntas descobriremos outra ajuda indireta que os índios nos dão: a visão crítica da nossa própria sociedade, o futuro que nos espera.

A problemática indígena ultrapassa o mundo de 230.000 pessoas, para interessar toda a sociedade envolvente.

Falamos em problemática indígena, mas na realidade nós, a nossa sociedade é **PROBLEMA** para os índios e não os índios para nós.

Analizando criticamente a história desde a época do descobrimento até a situação e rumos da política indigenista atual, escavando além dos estereótipos criados e propagandeados para justificar chacinas e violências, nós teremos os princípios e “valores”, em que se norteia a nossa própria sociedade; nós teremos a chave para entender a raiz da Paixão de nosso próprio povo.

Os problemas que o índio enfrenta pela nossa sociedade, as justificativas apresentadas ou não pelos órgãos responsáveis, são como um espelho que reflete sem engano, a nossa própria situação.

Partindo daí, de povos que não pertencem à nossa cultura, e numa reflexão fácil, é possível o despertar de uma consciência crítica em busca de novos rumos e alternativas.

O nosso povo encontra dificuldade em analisar criticamente a realidade, porque está dentro de um sistema, é bombardeado desde criança por uma educação alienante, e toda vida por uma propaganda de contra-valores.

Quem não viu o pobre imitar o rico numa festa de aniversário, casamento, batizado; na moda? O anseio de ter mais, a adulação dos grandes, a ilusão de se tornar como eles, e enfim, a força da situação, através da alienação são atitudes constantes e gerais. Na análise da vida e escolhas de “alguém” fora do esquema, o nosso povo se encontrará e che-



gará à conclusão: é necessário mudar a nossa sociedade. A solução, para o índio e para nós, é lutar para que a dignidade da pessoa humana, a partilha, o respeito, a participação se tornem o alicerce e o anseio do mundo novo que é o projeto de Deus.



O índio é problema para nós... ou nós para ele?

## O QUE A IGREJA TEM PARA OFERECER

“América, ameríndia ainda na Paixão, um dia tua morte será Ressurreição”. (Missa da Terra sem Males).

A Igreja anuncia a morte de Cristo e proclama a sua Ressurreição. A igreja partilha a paixão e morte dos povos indígenas, e luta e acredita na Ressurreição, no futuro dos povos.

A Igreja tem que ser para os povos índios de hoje o que o Apocalipse foi para a Igreja Primitiva: “um canto de esperança, uma força na luta, a certeza de um futuro”.

A Igreja do primeiro século era constituída por pequenos grupos, perdidos na imensidão do império romano.

Grupos com uma mensagem diferente, alternativa à sociedade dominante daquela época. Grupos que ameaçavam a estrutura religiosa, política e social de um sistema aceito comumente e reforçado por séculos de conquistas.

A ameaça vinha por dentro e era mais perigosa que um exército inimigo.

Começou cedo a perseguição: não tinha lugar para os cristãos dentro do império.

O imperador Nero quis a morte dos cristãos; nos lembra as bandeiras e os genocídios dos povos índios, passados e mais recentes.

Deocleciano mudou a política: não queria cristãos mortos, mas apóstatas. Não queria matar o corpo, mas roubar a alma.

É a perseguição que os índios estão sofrendo atualmente.

A Igreja estremeceu: terá um futuro para nós?

Como pode a fraqueza vencer a força?

Muitos estavam desanimados, a fé estava em perigo e mais ainda a esperança.

João teve uma visão. Deus enviou a sua mensagem: o Apocalipse.

O Apocalipse é leitura da história passada, presente e futura, em chave de fé, em chave de BOA NOVA.

Daí brotou a vontade renovada da luta, da perseverança.

Renasceu a ESPERANÇA.

A realidade indígena é um grande desafio para nós.

A violência e as investidas da sociedade envolvente são um grande desafio para os índios.

Vimos índios lutadores se tornarem pelegos de seu próprio povo. Vimos a partilha ruir frente à cobiça do dinheiro e das vantagens oferecidas, vimos povos índios correrem no caminho à imitação dos contra-valores de nossa sociedade. Vimos índios perderem “sua alma”, e se tornarem apóstatas de sua cultura e valores, vimos índios assumir os vícios dos brancos e renunciar à própria dignidade.

Se o primeiro e grande passo é “CONSCIÊNCIA CRÍTICA”, é importante que esta consciência tenha o seu alicerce, numa resposta a Deus, através da FÉ e ESPERANÇA.

É necessário, mesmo para a preservação da própria cultura indígena e do futuro do índio, uma resposta de Fé.

Esta resposta se dá tanto na vivência sincera de sua própria religiosidade, de seu próprio compromisso com Deus, quanto na adesão consciente e explícita ao Cristo presente em sua cultura.

Da Fé, enraizada na história e na cultura, da fé resposta às angústias, da Fé crítica e consciente é que nasce a capacidade de escolher a vida e não a morte. Desta Fé é que nasce a esperança e a força para resistir, enfrentar a realidade, e construir o próprio futuro.

O índio TXIBAE EWORORO, proclama assim a Esperança de seu povo:

“Nós estamos vivendo um drama desde que os homens de outra raça, de outra cultura, de outro mundo puseram os pés em nossas terras.

O Homem branco, aquele que se diz civilizado, pisou duro não só na terra, mas na alma do meu povo e os rios cresceram e o mar se tornou mais salgado porque as lágrimas da minha gente foram muitas.

As palavras que vocês vão ler são a narração de um final de um drama, mas não sei exatamente como vai terminar esse drama. Só sei que nós estamos animados de uma grande esperança e estamos resolvidos a mudar os caminhos da nossa história.

De onde nos vem essa esperança? Os civilizados se tornaram mais humanos? Não, infelizmente, não! Nós é que queremos ser tratados como seres humanos e não como coisa. E como vamos mudar os caminhos da nossa história? Vamos tomar armas? Vamos enfrentar os brancos como eles nos enfrentam? Não, os verdadeiros cristãos não fazem isto porque isso seria igualar-se a eles e as armas não resolvem os problemas. As armas são o argumento do covarde. Nós não queremos imitar os brancos naquilo de que eles mais teriam que se envergonhar: o uso de armas para matar seus semelhantes! Nós vamos nos unir, vamos morrer se for preciso mas não vamos aceitar mais a imposição da vontade dos outros. Vamos exigir que todos, desde o governo até o nosso vizinho, nos tratem como gente livre, sem depender de ninguém.

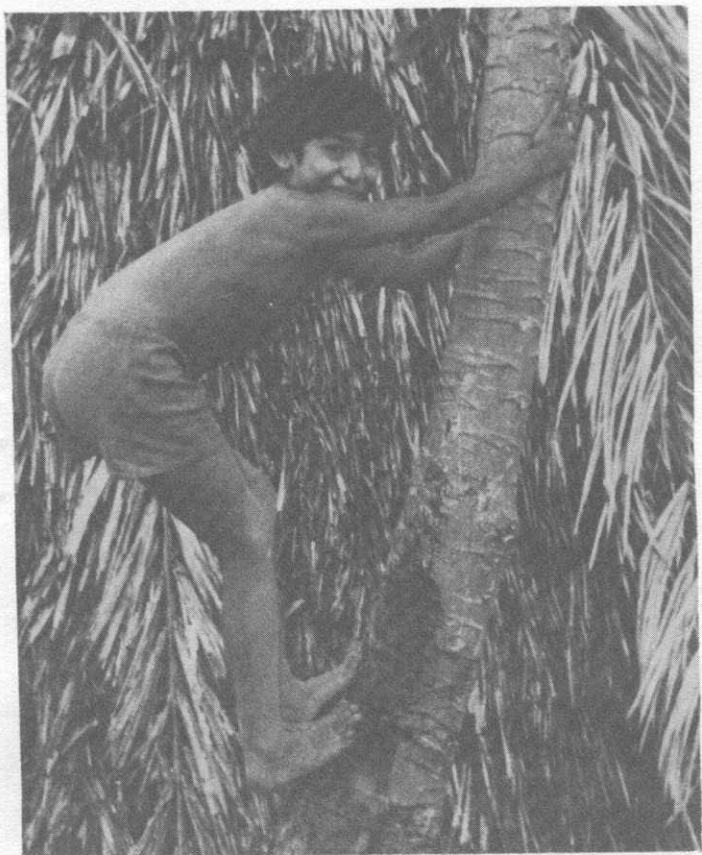
O povo brasileiro não disse um dia “Independência ou morte”?

Vamos também nós dizer isso, não apenas com palavras mas com nossa atitude.

Quando o índio quer, ele sabe ser independente. Nós preferimos morrer livres e não viver como escravos.”

A Igreja missionária anuncia, com as palavras dos primeiros cristãos “MARANATA” (Vem Senhor Jesus.), a possibilidade de um mundo novo, de uma sociedade diferente e melhor.

O Senhor vem e o Futuro, Ressurreição dos povos indígenas é uma utopia que ELE tornou certa.



Estamos animados de uma grande esperança.